

ANALOGIAS, METÁFORAS E ENSINO: A SALA DE AULA EM FOCO

Adriano Mafra
Universidade Federal de Santa Catarina
adrianoporto@gmail.com

RESUMO

Atualmente, muitos autores têm se preocupado com o papel das analogias e do uso de metáforas e suas contribuições na educação. Este é o principal motivo que se estabelece para abordar tal temática no presente trabalho. Objetiva-se, sobretudo, apontar as possibilidades que se apresentam no uso sistemático de analogias e metáforas como aliadas na construção de significação de conteúdos escolares, principalmente aqueles mais abstratos.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas. Ensino. Tradução.

ABSTRACT

Currently, many authors have been concerned with analogies rules and the use of metaphors and their contribution to education. This is the main aim to approach such topic in this piece of research. Above all, the purpose is to give emphasis to possibilities on a systematic use of analogies and metaphors as allies in the construction of meanings for school contents, mainly the ones which are considered of a more abstract meaning.

KEYWORDS: Metaphors. Teaching. Translation.

INTRODUÇÃO

O estudo de metáforas tem sido motivo de atenção de estudiosos da linguagem desde a Antigüidade Clássica. Das proposições feitas por Aristóteles em sua Poética e em sua Retórica, do século IV a.C. aos dias atuais, as analogias e metáforas têm despertado o interesse de muitos pesquisadores.

Antes de prosseguir nossa reflexão, faz-se necessária uma breve conceitualização de analogias e metáforas. Duit (*apud* PÁDUA, 2007) distingue analogias de metáforas afirmando que, enquanto as analogias comparam explicitamente as estruturas de dois domínios distintos, indicando semelhança ou identidade de partes das estruturas, cabe à metáfora fazer esta comparação de forma implícita, destacando características ou qualidades não coincidentes em dois domínios. Conclui o autor: “tomadas literalmente, as metáforas são simplesmente falsas”. Essa “falsidade” é facilmente percebida quando uma metáfora é analisada literalmente.

Para melhor exposição deste trabalho, entenderemos processos analógicos e metáforas como equivalentes, evidenciando e aproximando suas particularidades no que se refere à comparação que se estabelece entre dois domínios distintos.

ANALOGIAS E METÁFORAS

Partindo do pressuposto de que processo analógico e a metáfora partem de forma espontânea na cognição humana, sendo uma característica inerente ao ser humano (PÁDUA, 2007; CARVALHO & SOUZA, 2003), o uso desses processos está arraigado no nosso dia-a-dia. Por estarem presentes nas mais diversas modalidades de texto – do literário ao científico; das campanhas publicitárias às letras de música – o processo analógico e a metáfora apresentam-se como uma ferramenta riquíssima a ser explorada em sala de aula. As suas contribuições registram-se basicamente pela capacidade de expressar tanto conceitos mais difíceis e complexos quanto aqueles mais simples.

Isso se explica pelo simples fato de a cognição humana apresentar mecanismos de associação analógica, praticamente, desde o seu nascimento. É a partir dos primeiros meses de vida que a criança começa a associar ritmos e estímulos visuais, o que nos sugere que analogia e metáfora sejam inatas à inteligência humana. Por essa razão, o uso de analogias e metáforas é tão comum e freqüente que muitas vezes nem percebemos que nos valem do seu uso. É um processo cuja aplicação pode ser considerada rara de forma consciente ou intencional enquanto recurso didático-mediador no processo ensino-aprendizagem a ser utilizado pelo professor.

Pádua (2007) pontua um dos fatores que restringem a utilização de analogias e metáforas no discurso docente. Para a autora, acredita-se ainda no seu caráter “inofensivo”, o que revela uma despreocupação com os efeitos, características e, principalmente, com as pesquisas que salientam a importância dessas figuras de linguagem no âmbito educacional.

Para a aprendizagem de algo novo, pressupõe-se o uso de operações analógicas e também metafóricas. Valoriza-se, portanto, o conhecimento prévio dos estudantes como ponto primordial para a aprendizagem de algo novo. Neste contexto, Guyton (1988 *apud* PÁDUA, 2007) cita o que chama de influência modeladora. Para o autor, os seres humanos nascem em grande desvantagem de conhecimentos inatos em relação aos outros animais. Nós, seres humanos, precisamos nos adaptar ao ambiente, experimentando-o. Em contrapartida, é condição humana a capacidade de armazenar as informações para relacioná-las com experiências futuras. Em outras palavras, os seres humanos utilizam as experiências anteriores como requisito indispensável para as novas experiências. É a partir desse conhecimento prévio que se instaura um aprendizado mais significativo. Nas palavras de Souza (2004, p. 55): “a metáfora é fundamental à aprendizagem de algo completamente novo, visto que não se pode aprender algo totalmente desconhecido sem ancorar o novo no conhecimento pré-construído”.

Remetendo ao uso de metáforas em sala de aula, fica em evidência o aspecto de convencionalidade. Em certos casos, o uso de algumas metáforas é tão comum e familiar aos estudantes que o seu emprego torna-se aliado na construção de significados novos. As metáforas geralmente são criadas a partir de situações próprias de seu contexto histórico. Dessa forma, caracterizam-se por tratar de formas de linguagem mais complexas, fruto de alto poder de abstração da razão.

A utilização de metáforas como recurso didático nas aulas de língua estrangeira vem recebendo merecida atenção nos últimos anos. Cortazzi & Jin, em sua pesquisa intitulada *Bridges to learning: metaphors of teaching, learning and language* (1999 *apud* CARVALHO & SOUZA, 2003), investigam o uso sistemático de metáforas por professores e estudantes de língua inglesa. Nesta pesquisa, uma variada gama de metáforas fora analisada, permitindo generalizações de grande importância para os estudiosos e demais interessados no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Cortazzi & Jin focaram em seu estudo, sobretudo, as metáforas de alunos e professores sobre o ensino, o aprendizado e a linguagem com o intuito de integrar essa comunidade a sua própria realidade profissional. Como o título já sugere, os pesquisadores propõem que a metáfora sirva de fio-condutor entre o desconhecido e o conhecido, uma espécie de ponte que una o familiar ao novo. Com isso, as metáforas dão subsídios para que os alunos entendam a experiência de algo novo em termos de outras já existentes, idéia esta defendida em sua essência por Lakoff & Johnson. Para esses autores (2002, p. 45 *apud* KOGLIN, 2006, p. 3), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”.

Pensar no uso de metáforas em sala de aula de língua estrangeira nos sugere novas possibilidades para a prática tradutória. Um aprendiz de língua estrangeira, em algum momento desse processo, vai se espelhar na própria língua para interpretar a língua-alvo, o que já consiste em uma atividade tradutória. Ottoni (2001, p. 6) pontua: “à medida que aprendo uma língua estrangeira a partir da língua materna, a tradução torna-se um acontecimento inerente e fundante desse processo de aprendizagem”. Porém, essa busca por equivalências se torna uma tarefa complexa no que se refere ao uso de metáforas. Vista tradicionalmente como um fenômeno lingüístico individual (Cf. SCHÄFFNER 2004 *apud* KOGLIN, 2006), a metáfora pode tornar-se um desafio para o tradutor. A tarefa de traduzir tais expressões não exige somente o conhecimento lingüístico, envolve também traços culturais e fatores históricos que nem sempre são compartilhados entre as culturas, mesmo as mais próximas. Pádua (2007, p.3) conclui: “para decifrá-las, não basta saber decifrar o código lingüístico de origem, mas possuir grande familiaridade com os elementos utilizados com o campo fonte, com a cultura geral e com o contexto em que foi utilizada”.

Além das dificuldades no que diz respeito a tradução, devemos atentar para o fato de que nem sempre o sentido pretendido pelo uso de uma determinada metáfora seja compreendido pelo interlocutor. O processo analógico e, em especial o metafórico, são constituídos a partir das experiências pessoais de cada indivíduo. Os domínios fonte e alvo, portanto, dependem tão somente destas experiências pessoais e o uso de metáforas, neste processo, pode restringir o entendimento ou produzir ambigüidades, representando assim uma barreira na construção de conhecimentos. Muitas delas, aparentemente óbvias, podem não ser compreendidas por todos os alunos, causando falhas no ensino. Cabe ao professor, portanto, pontuar as diferenças que se mostram no uso de metáforas para assim poder utilizar os benefícios dessas estruturas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas referentes a tradução e ao uso de metáforas têm registrado um aumento significativo nos últimos anos. Diante do exposto, nota-se que o uso de metáforas, em especial no âmbito escolar, mostra-se como uma *faca de dois gumes*. Se por um lado aparece como uma ótima aliada na construção de conhecimentos novos, por outro lado pode ser prejudicial ao processo de construção de conhecimento, já que as experiências pessoais dos alunos devem ser levadas em conta para a interpretação de uma metáfora e, por conseguinte, a aprendizagem de algo novo. As dificuldades e problemas de tradução de metáforas estão diretamente associados às diferenças lingüísticas e culturais da língua fonte e da língua alvo, o que torna a prática tradutória uma tarefa bastante complexa e exige do tradutor muita reflexão e um constante aprimoramento de seu ofício.

Além disso, convém lembrar que as metáforas têm a capacidade de expressar idéias que dificilmente poderiam ser ditas utilizando a linguagem literal. Destacam-se, também, por seu caráter de compactação de informações. Finalizando, vale a pena lembrar que os conceitos próprios mal aprendidos ou o fato das concepções dos estudantes estarem bastante limitadas, podem ocasionar algumas barreiras difíceis de

serem transpostas. Ao professor, cabe dar o direcionamento aos seus alunos, com o intuito de mediar a interação do conhecimento próprio do aluno com o conhecimento novo a ser explorado, caso contrário, aspectos irrelevantes podem levar a generalizações e a formas de raciocínio equivocadas.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M. B. *Uma abordagem sócio-construtivista para as metáforas*. Morpheus. Ano 02, número 02, 2003. Disponível em <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero02-2003/mauricio.htm>> Acesso em 03 jun 2008.
- CARVALHO, M. B. & SOUZA, A. C. *As metáforas e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira*. Fragmentos. N.24, p. 29-44, 2005.
- KOGLIN, A. *A tradução de metáforas em tiras do Garfield*. Disponível em <<http://www.scientiaintraductionis.ufsc.br/garfield.PDF>> Acesso em 02 ago 2008.
- NAGEM, R. L. & PÁDUA, I. C. A. *Analogias, metáforas e a mediação didática: uma relação possível?* Disponível em <<http://www.gematec.cefetmg.br/Artigos/Isabel%20-%20Analogia%20e%20metafora%20medicao.PDF>> Acesso em 03 jun 2008.
- OTTONI, P. *A tradução “entre” o ensino e a aprendizagem: como seguir regras sem dispor de regras para aplicar regras*. I Congresso Ibérico sobre tradução. Universidade de Aberta : Portugal, 2001
- PÁDUA, I. C. A. *Analogias, metáforas e a construção do conhecimento: por um processo ensino-aprendizagem mais significativo*. Acesso em 03 nov 2007.
- SOUZA, A. C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 232 f. tese (Doutorado em Linguística) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.